

Joaquim Chissano faz 60 anos de idade e revisita os seus sonhos da juventude

“Não estou arrependido por

Por Salomão Moyana

O Presidente da República, Joaquim Chissano, faz hoje 60 anos de idade. O SAVANA não encontrou melhor maneira de assinalar o aniversário do Chefe do Estado senão pô-lo a falar dele, não como PR mas como cidadão moçambicano em funções de destaque.

É assim que ele nos fala dos seus amigos, das suas propriedades, dos seus filhos e da sua visão da vida como cidadão.

“Chissano sublinhou que gosta de cultivar amigos, mas, também, gosta de se dedicar à família. O seu principal projecto económico, neste momento, é a criação de gado bovino, actividade que faz com bastante amor, com o apoio da esposa, Marcelina Rafael Chissano, pessoa tida como força-motriz da economia da família Chissano.

Nesta conversa, Joaquim Chissano diz não estar arrependido por não ter acabado o curso de Medicina, que iniciara como forma de servir a muita gente, pois as tarefas que acabou desempenhando, ao longo da história, lhe permitem servir a essa “muita gente”.

É sempre melhor que seja ele a explicar a sua vida, pelo que, a seguir, fala no discurso directo.

O senhor Presidente da República faz, no dia 22 de Outubro, 60 anos de idade. Como é que se sente? Velho? Jovem? Será que 60 anos é uma idade que pesa?

— Bom, não posso dizer que me sinto mais jovem, mas sinto-me ainda jovem. Mas 60 anos já é uma vida. É uma vida que me faz sentir crescido. Felizmente, ainda me sinto com muitas forças para continuar a contribuir para este País e para a minha família, para toda a sociedade. Ainda me sinto com a capacidade de pensar no futuro, não só para os outros, mas em que eu também poderei viver as transformações

deste nosso País.

Talvez, aprendi isso já pelo tempo passado em que pensamos em muita coisa. Pensávamos que era para os outros quando dizíamos: bom, isso já não é para nós e vimos acontecer. Não é porque alguns de nós não conseguiram chegar que agora temos que ter esse tipo de pensamento. Afinal, a vida é assim. Pode haver acidente. Mas creio que, pela minha saúde, força física, moral e intelectual, sinto que devo ter boa esperança no futuro.

Naturalmente que durante a sua juventude allentou muitos sonhos. Quais eram os seus princí-



Tenho ainda muita esperança no futuro

pais sonhos? Pensa que aos 60 anos realizou esses sonhos?

— No essencial, eu penso que realizei, porque tinha pensado e apostado mesmo em tirar um curso superior, que é a Medicina, neste caso. Não tirei o curso de Medicina.

Se formos para o conteúdo desse meu desejo, eu sinto que foi realizado na participação que tive na luta de libertação nacional, antes da Independência, consolidação dessa independência e agora este desenvolvimento económico que já iniciámos no nosso País. São realizações que vão além daquilo que eu vislumbrava como a

minha actividade, isto é, quando fui para o curso de Medicina, o que me guiava era o desejo de servir a muitas pessoas.

Primeiro, servir ao outro e, segundo, o desejo de servir a muitas pessoas. Foi assim como eu colocava as coisas e é assim como escrevi à minha namorada de então, quando dizia: olha vamos acabar com o namoro, porque não vale a pena falar de interromper, porque vou ficar muitos anos lá fora e tenho que ir, porque quero servir a muitas pessoas, como os padres fazem.

Esta ideia de servir a muitos, consegui realizar e estou a servir a muitos, mas fui

para além disso. Portanto, sinto-me realizado.

“Sei trabalhar a terra com a enxada e com a charrua”

Na zona onde nasceu, naturalmente que muitos moços, durante a sua adolescência, iam a machamba, puxavam a charrua e, às vezes, trabalhavam com a enxada, será que o Senhor Presidente passou por essa experiência ou nunca foi a machamba na sua vida?

— Escrevi isso em detalhe nas notas que tomei para serem publicadas algum dia. Tem muito detalhe, nomeadamente que nasci no campo, filho de uma família essencialmente camponesa. O meu pai era professor da Missão e, como sabe, nas missões, mesmo os professores e os alunos faziam trabalho de campo, mas eu não fui aluno dessa escola da Missão. E, na escola onde eu andei, também não havia trabalho de campo.

Mas, por causa das actividades dos meus pais e da minha mãe sobretudo, eu trabalhei sempre no campo e além disso fiz a escola primária, da 1ª à 4ª classes, vivendo em casa de uma família camponesa. Quando regressávamos da escola, ajudávamos nos trabalhos de campo. Em ambos os casos, junto da minha mãe e junto desta família, aprendi a trabalhar não só com a enxada de cabo comprido e de cabo curto como com charrua. E, em ambos os casos, trabalhei juntamente com os meus irmãos.

Aprendi a fazer muitos trabalhos, muito mais trabalhos domésticos, incluindo esta questão de gado, porque tinha que tratar de gado, sobretudo, em casa deste camponês que era meu encarregado de educação quando estava na escola primária.

Também quando estava de férias tomava conta dos animais que os meus pais tinham, cabritos e algumas vacas. Trabalhávamos sem-

pre e tive uma aprendizagem nesta área.

Quando o senhor Presidente se juntou ao movimento de libertação foi porque, nessa altura, já tinha uma consciência política nacionalista ou foi por simples influência de amigos?

— Foi por consciência nacionalista que foi crescendo e se fermentando com toda a vivência que eu tive durante a minha vida inteira, sobretudo nas vésperas de eu ir para Portugal.

Ai, em 1960, desenvolveu-se com a independência do Congo, a independência do Gana e em conversas com os meus pais, ou melhor, por aquilo que eu ouvia das conversas do meu pai com os seus amigos, mais outras manifestações em Moçambique. Eu de Moçambique só conhecia Gaza e Maputo. Mas, mesmo aí colhi-me muitos aspectos da vida que só poderíamos construir um espírito de luta, pelo menos pela igualdade, e depois a luta independentista que vem daquilo que ouvimos dizer.

Devo dizer que a minha viagem também de Moçambique para Lisboa, que durou 24 horas ou mais de 24 horas, porque houve uma avaria no avião pelo caminho, na conversa com os companheiros de viagem transpareceram essas ideias nacionalistas, a necessidade de termos um mundo de uma nova maneira. Passámos pelo Congo, onde fizemos escala, e vimos aquelas boas notícias das Nações Unidas, tudo isso só podia trazer o pensamento para o nacionalismo. Chego a Portugal e lá surge o 4 de Fevereiro que é o começo da luta em Angola e então fala-se de política. É mais uma vivência que eu tenho e cresce comigo.

Saímos para a França. Não sabia na altura, porque, quando passámos para a França, o intuito não era ir para Dar-es-Salaam, era de continuar a estudar, continuar a realizar aquelas ideias que eu e os meus colegas já tínhamos acumulado, nomeadamente o Pascoal Mocumbi, para vir inspirar este sentimento nacionalista que já tinha nascido em nós. E começamos uma preparação para que o nosso País fosse parte deste movimento. Só que, quando nós chegámos à França, já o movimento nacionalista estava mais ou menos estruturado em Moçambique. Conhecíamos profundamente a existência do movimento de libertação, a CONCP, etc. Mas já vínhamos com o nosso programa, o nosso próprio projecto. Sabe que o Núcleo dos Estudantes Secundários africanos também serviu para criar esse sentimento.

Não é por acaso que muitos dos líderes do próprio País e da Fretilim até hoje passaram por aí. Posso citar Guebuza, Mocumbi, Mariano Matsinla e outros tantos. Outros já morreram e foram líderes e passaram por aí.

“Trabalho tão bem com o Guebuza”

Não falou de Armando Guebuza...

— Não falei de Guebuza, por exemplo. É difícil enumerar os amigos sem correr o risco de deixar os outros.

Voltando para esse relacionamento, em política, os analistas, quando querem fazer a análise colocam o senhor Armando Guebuza num campo oposto ao senhor Presidente. Dizem que o carácter dele e o carácter do senhor Presidente não jogam, a tal ponto que, quando venceu as eleições, em 1994, muita gente pensava que Guebuza ia ser o Primeiro-Ministro e quando não foi Primeiro-Ministro as pessoas entenderam que o Presidente da República estava a afastá-lo. Que comentário pode fazer a propósito deste assunto?

— Muitos analistas aqui falham muito, porque às vezes tentam criar governo no meu lugar. Pensam em figuras que eu teria pensado que vão ser isto ou aquilo e falhou, que não foram por divergências.

Mas, neste caso, o meu temperamento e o temperamento do camarada Guebuza podem ser diferentes, mas eu próprio já muitas vezes advoquei, o Guebuza nem precisa disso.

O temperamento não deve ser confundido com o carácter. Carácter da pessoa pode-se educar. Temperamento, o que nós temos que fazer para nos relacionarmos bem com as pessoas é aprendermos a adaptarmos o nosso temperamento ao temperamento delas. E eu trabalho muitíssimo bem como o temperamento do Guebuza. Aliás, todos os meus colaboradores cada um tem o seu temperamento. E eu sei que Guebuza nunca aspirou a ser Primeiro-Ministro, mas líder do que é. Esteve sempre disponível a fazer o trabalho e so sente bem. Quando se lhe dá um trabalho, ele empenha-se e valoriza o trabalho que ele faz, de tal forma que alguns de nós costumam dizer que aquilo que Guebuza faz parece que é sempre a primeira prioridade e depois vêm os outros.

Não sei porquê, mas ele valoriza o trabalho que ele faz e sentimos que tem muita dedicação. Acho que ele sente que o trabalho que está a realizar agora tem tanto valor como teria o de Primeiro-Ministro. Acho que se invertéssemos os papéis, a ineficiência um ou outro caso seria menor. Portanto, está muito satisfeito. Nunca tivemos problemas. Ai, quando acontecem essas críticas ou essas análises,

essas conclusões, nós podemos é dizer que as pessoas pensam como pensam. O que é que vamos fazer? Mas não há nenhum problema.

Quería perguntar se ser Presidente da República trouxe-lhe algumas vantagens pessoais ou trouxe-lhe alguns prejuízos na sua vida individual?

— Posso dizer que me trouxe alguns prejuízos sim, porque de facto, não posso fazer algumas coisas que gostaria de fazer. Porque o tempo não perdoo e por causa da própria figura de Presidente da República. Se eu vou a uma loja fazer compras, eu não vou poder fazê-las como outro cidadão qualquer faz. Ou porque o dono da loja vai-me dar uma conversa, um tratamento muito especial, uma deferência de oferecer um produto que eu quero comprar, porque acha que o Presidente não deve comprar. Isso incomoda. E, para mais é que, quando o Presidente estiver na loja, há-de haver pelo menos uma dúzia de pessoas que querem ver o Presidente a fazer compras. Não pelo dinheiro que ele tira, mas pela oportunidade de estar muito perto do Presidente e apertar-lhe a mão. Abraçar e tirar fotografia com ele.

Isso não deixa a pessoa tão livre como outros cidadãos pensam. Quando se passa na rua há sempre gente que há-de estar a aglomerar-se. Quantas vezes eu faço mini-comícios. Há umas coisas que uma pessoa não pode fazer completamente, como, por exemplo, ir visitar pessoas mais à vontade, nos subúrbios. Eu vou aos subúrbios, mas eu já sei o que me passa nos ombros até eu chegar à casa de um familiar ou amigo que eu vou visitar. Ao sair, já sei que há gente à espera: guarda-costas que chamam a atenção, mesmo quando eu quero que não seja escoltado. Os cidadãos que não têm essas responsabilidades fazem isso muito à vontade. Há muitas coisas. Eu gosto de trabalhar.

Benefícios pessoais creio que também trás alguns na deferência. Também não ganho mal. Ganho mais que um ministro, vivo numa casa confortável. Não tenho carências iguais às do cidadão comum. Tenho outro tipo de carências. Mas tenho que pensar como cidadão, se eu deixar de ser Presidente vou viver como? Ai tenho intenções. Tenho que dar prioridade a outros factores. Mas, mesmo assim quantas vezes penso que devia fazer certas coisas e não faço? ■

não ter acabado Medicina”

Lourenço Mutuca e outros.

Com esta trajectória político-nacionalista, acha que o curso de Medicina era a melhor opção para si?

— Este pensamento que estamos a ter hoje é um pensamento retrospectivo de análise. Devo confessar que tudo o que estou aqui a citar, na altura, eu não sabia que estava a fazer política.

Quando foi da inauguração da fábrica de bilhetes de identidade eu contei a história de eu ter desafiado um polícia branco. Eu desafiei-o porque achava que aquilo que ele estava a fazer não era justo, estar a puxar-me para a esquerda, etc.. Ele estava a bater-me sem motivo e amarrou-me as mãos com cordas, sem motivo.

“Este cinema não é para nós, os portugueses. É para os indianos!”

Estava longe de saber que estava a fazer política ou a reivindicar a independência. Mas, mais tarde, houve acções que nós fizemos de propósito para reivindicar a igualdade, o tratamento igual. Começámos a desenvolver aquele sentimento de que nós não somos portugueses.

Mas já com a consciência de que eu não era português, para reivindicar esta igualdade, cheguei a utilizar esta arma de ser português. Entrei num cinema e senti que era discriminado, então fui ter com o gerente desse cinema e disse-lhe: “Olha, não me querem deixar entrar, porque dizem que este cinema não é para nós, é para os indianos”.

E então perguntava: “Não é para nós, como?” Respon-di-lhe que “não é para nós, os portugueses. Na bicha dos indianos, os indianos entram e não tiveram problemas. Compraram os bilhetes e entraram e eu não estou a conseguir entrar porque o cinema não era para nós, os portugueses”.

Então, utilizei essa arma conscientemente, para provocar um choque no dono do cinema. Para dizer que vocês dizem que nós todos somos portugueses e, afinal, há muitos que não são portugueses, porque não podem entrar no cinema. Afinal, quem são os portugueses, são os indianos? Isso foi um choque para ele. Porquê? Porque também naquela altura os indianos não eram bem vistos, por causa da questão da questão de Goa.

De maneiras que eu não fiz a comparação porque estava a querer um lugar de direcção ou de chefia de seja o que fosse. Só queria servir, ser útil a outras pessoas. A palavra é mesmo essa, servir.

Lembro-me de estar em conversa com uma pessoa, a dizermos que vamos abrir dois consultórios, um em Maputo (Lourenço Marques) e outro lá na aldeia. Em Maputo, vamos cobrar dinheiro, porque aqueles brancos têm

dinheiro e devem pagar! E, nessa altura, nem sabíamos se os brancos haviam de vir ao consultório, mas já estávamos um pouco confiantes. E, depois, vamos tratar as pessoas lá na aldeia, sem cobrar. Estávamos nessa altura em 1960 e já estávamos a pensar assim. O intuito era servir.

Portanto, não tivemos que fazer opção desse género. Essa é a primeira coisa. A outra coisa, para não estar aquém da verdade, é que nós conhecíamos muito pouco sobre a utilização de todos os outros cursos possíveis, para além da Medicina e Engenharia. Talvez pensássemos que os outros cursos eram para vir ensinar no Liceu, que o curso de Direito era para ser advogado e é tudo.

Não me chamava atenção que ser advogado era para servir a muita gente, porque na advocacia era preciso que muita gente viesse a pagar. Portanto, ser advogado não dava para servir muita gente, como se fosse padre. Padre porque é altruista. Nós não tínhamos por onde escolher porque havia uma certa ignorância das coisas, mas também não havia outros motivos.

Parece que já em Dar-es-Salaam o Presidente Mondlane tentou fazer com que o senhor fosse estudar e que preferiu que, no seu lugar, fosse o senhor Pascoal Mocumbi...

— Não foi bem assim. Quando o presidente Mondlane me chamou a Dar-es-Salaam, o seu objectivo era encontrar pessoas com um certo nível de instrução capazes de ajudar a dar o arranque, enquanto se esperava o aparecimento de novos quadros que nós pensávamos que existiam.

Não pensávamos que tinha havido tanta estagnação da formação aqui no País. Pensávamos que as pessoas haviam de aparecer tão rapidamente, mas o processo continuam a ser tão lento. Portanto, fomos para lá pen-

sando que nós havemos de voltar e o presidente Mondlane tinha pensado que eu ou Mocumbi havia de ir para a Argélia para representar a Frelimo e continuar a estudar ao mesmo tempo. Só que as opções foram feitas consultando. Eu, pessoalmente, preferi que fosse o Mocumbi, porque estava mais fresco e podia aguentar esse conjunto de coisas e eu fico para mais tarde. Vou descansar um bocadinho, porque não acho que esteja a dar um rendimento adequado para os meus estudos, talvez por esta má escolha do curso.

E o senhor Presidente ficou arrependido por nunca ter chegado a sua vez?

— Como já lhe disse, não fiquei arrependido, porque o que eu fiz foi útil. Sinto-me realizado e que cada passo que eu dei era necessário. E, aliás, sinto-me realizado, porque, durante o meu trabalho, contribuí para que mais gente fosse formada. Aqui na nossa direcção, actualmente mesmo no governo, há pessoas que foram iniciadas por mim desde a escola secundária até ao nível universitário. E, o mais interessante, na oposição há muitos desses que foram pelas minhas mãos e foram estudar com bolsas de estudo. Estou felicíssimo de ver que os meus esforços não foram em vão. Resultaram em líderes de várias ordens, com pensamentos vários que existem. Até o Ripua é nosso produto.

“Mocumbi é meu amigo nº1”

Há quem diga que os políticos normalmente não têm amigos, o senhor Presidente tem amigos?

— Eu tenho. É que eu tenho amigos não porque eles foram meus amigos sempre. Tenho amigos porque eu coloquei como meu dever pessoal, como meu modo de vida, fazer amigos e é isso que também imprimi na política estrangeira do

nosso País, portanto, na diplomacia: fazer amigos e diminuir os inimigos.

Esse foi o lema. Eu faço isso para mim mesmo. Aqui em Moçambique eu tenho vários amigos. Os antigos continuam a ser meus amigos.

Quem são os antigos?

— Por exemplo, Pascoal Mocumbi é o número um dos amigos, a história é longa. Depois tenho pessoas como

dar, se não estivesse acordado, para corrermos até à Costa do Sol. De lá fazíamos os nossos exercícios e eu voltava para casa. Ele continuava, porque ele era atleta de fundo, fazia longas distâncias e eu ficava na Mafalala.

Estávamos juntos no núcleo. Ele é interessante porque ele era de cá e eu de Gaza, mesmo isso não impediu que fôssemos amigos.



“E meu lema fazer mais amigos e menos inimigos”

o Ângelo Chichava e tenho pessoas como o Alfredo Mabombo, que corrimos juntos. Ele era atleta que vivia no Chamanculo e vinha para Mafalala, para me acor-

Para falar dos antigos, do meu tempo, há também senhoras que são minhas/ amigas desse tempo: a irmã de Eneas Comiche, a Glória. Aquela que foi até minha

namorada, mas começou por ser minha amiga e continua minha amiga, a Carmen Maximiano e as irmãs e agora a mais velha morreu, a Janet. Temos a Ilda, que é prima do Eneas.

Voltando um pouco para os rapazes, está aí o Mulambo que foi secretário-geral dos Negócios Estrangeiros e hoje é um diplomata e amigo desse tempo. Alguns já morreram, o Alberto Massavanhane, conheci-o quando eu era miúdo e andava na escola primária e ele já era professor, mas tornámo-nos amigos porque voltámos a encontrarmo-nos no Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos.

Temos o Gabriel Simbine, que foi um dos meus presidentes do núcleo. Cactano James não posso dizer que era meu amigo directo, porque foi mais amigo do meu irmão. Há o Alfredo Muhlanga. Há muitos. Estou a falar das pessoas que, de vez em quando, a gente se encontra ou num casamento ou num funeral ou num baptismo e estamos aí a conversar. E esses amigos são por sua vez amigos de outros familiares meus.

Depois tenho outros lá na aldeia, mas esses não são mais do que os que tenho cá. Não falei de amigos da escola primária que encontrei aqui, como o Mbanze e a sua irmã Violeta Mbanze. Vários são muitos amigos.

Agora temos amigos que fomos criando ao longo des-





te tempo que são membros do governo ou porque foram membros do governo, ou porque crescemos juntos durante a luta de libertação.

No governo, também tem amigos?

— Neste momento, quase todos os membros do governo são meus amigos e se não são meus amigos não os escolho para membros do governo. São inimigos, que fiquem fora. Agora no sentido de que eles convivem mais comigo ou menos comigo, bom há a questão de idade, mas nós temos muitos amigos e alguns só foram camaradas de luta como Kachamila. Tenho amigos no partido, na direcção ou fora da direcção. Alguns que são mais próximos de nós e outros menos próximos.

E fora de Moçambique quem são os seus amigos, os mais importantes?

— Neste momento, fora de Moçambique, quem são os meus amigos?

O Presidente Mugabe é um dos seus amigos?

— O Presidente Mugabe é meu amigo, sim.

E o Presidente Mobutu, era também seu amigo?

— O Presidente Mobutu era daqueles que nós estávamos a tentar conquistar a sua amizade e eu penso que tinha conseguido de uma forma muito positiva, a tal ponto que o Presidente Mobutu ouvia-me quando eu falava das questões de Angola.

Eu achava que era importante ter o Presidente Mobutu, tanto assim que ele fez questão que eu estivesse presente naquela reunião de Gbadolite. Mas até posso dizer agora que o actual Presidente do Congo até é meu amigo. Mas não quero dizer que todos esses amigos co-ungam comigo todos os pensamentos políticos da mesma maneira.

Nas reuniões da OUA, cada um de nós toma posições e muitas vezes diametralmente opostas um do outro. Aliás, devo dizer que na OUA eu conquistei muitos amigos, pessoas com quem nós não conversávamos assim muito livremente no passado. Hoje conversa-

mos, desde que eu visitei a Costa do Marfim. Fizemos isso de propósito. Visitar os países para nos conhecermos. Eu visitei a Costa do Marfim e fui amigo de Félix Boughny. Agora estou aos poucos a tentar contactos com o actual Presidente da Costa do Marfim e ainda não consegui totalmente. Mas quando a gente se encontra cumprimenta-se e ele fica satisfeito de eu estar a cumprimentá-lo.

O Presidente Diouf já era amigo do Presidente Samora e ele continua tendo amizade para comigo.

Tenho agora um presidente que foi sempre meu amigo desde o tempo de ministro dos Negócios Estrangeiros, Bouteflika, da Argélia. É realmente um amigo. Depois das reuniões, quando éramos ministros dos Negócios Estrangeiros, conversávamos muito bem, a tomar café ou a contar anedotas. Diziamos assim mesmo, não vamos falar nada de trabalho, vamos falar coisas banais. Era um grupo: era eu, Paulo Jorge, Ben M'Kapa e a ministra dos Negócios Estrangeiros de

S. Tomé. Era um grupo muito coeso.

Dos presidentes conto Mugabe e M'Kapa. De uma maneira geral todos os presidentes da SADC são amigos.

Mas não parece ser muito amigo do Presidente José Eduardo dos Santos...

Sou. José Eduardo dos Santos é um dos que começo por ser ministro dos Negócios Estrangeiros juntamente comigo. O que se passa é que os angolanos hoje em dia têm muito pouco tempo de se expandir no seu relacionamento.

Mas, sempre que eu vou lá ou que nos encontramos, José Eduardo dos Santos sente-se muito confortado. Por isso que eu faço questão, quando viajo, de fazer uma paragem para saber como é que as coisas estão em Angola.

Ele fala muito claramente. Mas, não porque deixou de ser amigo, a estratégia de trabalho faz com que eles não sejam daqueles que são muito assíduos nos contactos conosco, mas quando nós tomamos a iniciativa eles respondem como dantes e trabalhamos juntos em várias

coisas, o desbloqueamento de situações terríveis de relacionamento entre Angola e vários países.

Não quero pretender dizer que todos aqueles com quem me relaciono são amigos nesse sentido de um convívio. Há Chefes de Estado em que o tratamento é de Chefe de Estado para Chefe de Estado.

Mas com o Presidente do Mali, o relacionamento já passou essa fase. Conhecemo-nos e desenvolveu-se rapidamente uma amizade entre nós. Portanto, o nosso relacionamento já não é um relacionamento de Estado para Estado. Mas eu não vou citar os países que essa situação prevalece, porque não ficaria bem, em que eu falo com eles, porque eu sou um Presidente, sou Chefe de Estado e o "tu" não entra bem no tratamento com essas pessoas.

Ao passo que com esses outros que eu mencionei é fácil a gente tratar-se por "tu". Para os outros conservamos "sua excelência", claro que quando se fala em inglês é mais fácil dizer "you". O "you" pode não ser seguido de

"your excellence", mas há aqueles que falam francês e existe o "tu" e eu não posso utilizar o "tu".

Eles não usam o tu para mim. Ainda não criamos essa relação chamada de amizade pessoal. Então é uma amizade entre Estados, mas aqueles que eu enunciei posso dizer que existe uma amizade pessoal. Meless da Etiópia tem uma amizade pessoal. Bakili Muluzi, do Malawi, também já desenvolveu uma amizade pessoal.

E Thabo Mbeki da África do Sul é seu amigo?

— Thabo Mbeki já é uma amizade que vem desde o tempo da luta de libertação. Jacob Zuma e Joe Modise estivemos juntos no campo de Kongwa.

Na África do Sul, é difícil de enumerar, porque estivemos juntos na luta de libertação e mesmo no Zimbabwe, os Kangai. Desses dois países, seria muito difícil eu enumerar quem são os amigos, tão difícil como em Moçambique enumerar quem são os amigos. O Chipande, por exemplo, é quase um familiar. ■

Um PR criador de gado

Mas o senhor Presidente tem propriedades...

— Eu tenho gado, por exemplo. As pessoas pensam que eu tenho mais do que aquilo que eu tenho, pensam que eu tenho fábricas e que tenho quantas empresas de não sei o quê. Eu já disse que aquilo que eu tenho está publicado no Boletim da República.

Em seu nome?

— Em meu nome ou em nome da minha família. Por exemplo, quando nós formamos uma empresa, eu e os meus irmãos, de cajueiros, uma quinta, não esta que tenho, vamos iniciar este ano. Essa empresa foi publicada. Tem o meu nome, com uma quota de 12,5 por cento, está lá tudo. Quando nós quisemos comprar a casa, que comprámos quando era ministro dos Negócios Estrangeiros, tudo foi processo normal.

Quando não faz política, o que é que faz o senhor Presidente?

— São raras essas ocasiões. Uma vez teve que me entrevistar na praia e encontrou-me lá a fazer duas coisas: ia à praia, a nadar, descansar e pescar. Quando voltava de lá e se o tempo restasse eu lia. Era assim como eu fazia. Mesmo lá tive que responder a um jornalista.

Depois, dedico-me à criação de gado. Esta é uma actividade que eu gosto.

Cria gado por gosto ou porque é uma actividade economicamente rentável para si?

— Gosto de criar. Isso tudo começa já da minha infância, vim de uma família que era muito grande e os meus pais tinham pouco gado. Eles criavam gado, mas deu-se uma coisa muito interessante na vida. Passei de classe e o meu pai perguntou-me o que eu queria que me desse como presente e eu pedi uma bicicleta. O meu pai disse que não. Não lhe vou dar uma bicicleta, porque é muito perigoso na cidade. Escolha lá outra coisa. Fiz uma imaginação do que podia pedir que estivesse ao alcance do meu pai e que fosse uma necessidade para eu ir à escola. Não estava a ver nada disso e então o meu pai disse: olha, eu vou te dar uma vaca, porque uma vaca vai-se reproduzir e quando voltares dos estudos já terás uma base para começares a tua vida. Isso ficou-me.

Só que, quando voltei, não tive essa base para começar a minha vida, porque o meu pai foi transferido, perseguido pela PIDE e perdeu o gado que ele tinha, incluindo essa vaca. Já não sei quantas vacas tinham nascido dessa primeira unidade.

Nom por isso me precipitei a dizer que eu quero a actividade de criação de vacas, etc. Já não sabia como manejar a manada de gado até que tive gado de oferta, para comer, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros. E dizia para a minha família: olha, guarda aí, as pessoas ofereceram para eu comer, mas guarda aí.

Nessa altura, já era ministro dos Negócios Estrangeiro se guardava o gado no curral do meu primo e, de vez em quando, tirava uma cabeça para matar. Mas eu descobri que quando chegava lá o meu primo me dizia: olha, aquela sua vaca já tem vitelos, assim por diante. Dizia uma coisa e dizia outra, noutra ocasião. Então, um dia pensei: "Mas afinal porque é que eu não crio agora gado por minha própria iniciativa?". E conversei isso com a minha esposa e a minha esposa é muito prática. Pega em si e diz que, bom nós podemos começar a criar gado.

Ficamos aqui em Boane. Temos um terreno que são 100 a 150 hectares.

Um sociedade com a minha esposa e com uma senhora, comecei a criar gado. O terreno era muito acanhado no sentido de estar no meio de outras coisas e foram procurar-me um terreno maior em Matutuine.

Encontramos terreno lá em Matutuine, descobrimos tam-

bém que era muito longe e não havia motivação de irmos para lá. Alguém nos recomendou um terreno que estava no Bilene. Dissemos "muito bem", quando estivemos de férias ou mesmo no sábado ou domingo se quisermos descansar podemos descansar vendo o gado.

Então, era simples nós transferirmos esta actividade para lá. E agora, para adquirir o gado? Começamos por comprar poucas quantidades pensando que isto vai multiplicar-se. Essa multiplicação é muito lenta, lenta. Havia um programa de fomento.

Primeiro, dissemos que vamos, como a população, para o programa de fomento, mas, também, isso leva muito tempo. E depois para levar três cabeças e ir entregar... Eu disse: olha vamos levar isto muito a sério, porque, como se diz na minha língua, parece que temos "mão" para criar. E a minha esposa ganhou logo gosto pela criação, porque ela fazia machamba.

Então eu disse, primeiro vamos testar para ver se havia água no terreno. Testámos e vimos que havia muita água subterrânea. Portanto, precisávamos de ir à procura de lugares assim muito ideais para o gado, porque aí surgem esses problemas de que aqui era terra de fulano.

Literalmente, a nossa terra não tem ninguém. Ali apareceram alguns, mas não foi grande coisa. É uma terra que não tem litígios e dissemos este é o melhor, dissemos que o que vamos fazer é utilizar água subterrânea para podermos criar gado.

Então, vamos lá a isso e como fazer? Vamos fazer como outro cidadão qualquer. Fomos ao banco e batemos a porta. Oferecemos a tal casa de hipoteca. Por acaso lá disseram sim senhor como vemos que você já tem esta casa de hipoteca vamos facilitar-vos a vida. O próprio gado que vocês já têm já pode servir de penhora. A tal vantagem de ser Presidente...

Normalmente, o gado não serve de penhora, porque a banca, em Moçambique, diz que a qualquer momento pode desaparecer ou ser roubado... então, no seu caso foi uma excepção...

— Sim, não serve. Mas nós tínhamos um "back-up" que era a casa. Disseram que vocês têm a casa, mas nós precisamos disso. Reservem a casa para a última análise. E então tivemos o empréstimo no banco e até agora estamos a pagar. Ainda não pagamos tudo. O gado ainda não é totalmente nosso, porque ainda estamos a pagar a dívida ao banco.

Portanto, é isso que eu faço quando não estou a fazer política. Visitar familiares e fazer esses trabalhos quando posso. Se puder, escrevo. Já estou a escrever.

Já acabou o seu livro de memórias? Doutra vez eram apenas 20 páginas escritas. Terá já andado para a frente?

— Já acabei e não são 20 páginas, são mais de 500 páginas. É uma coisa enorme.

E quando é que publica?

— Talvez no próximo ano. Este ano, eu não quis fazer pressão, porque é ano de eleições. Eu disse que não, o livro não foi feito para isso. Não de ver no livro. No início, era para escrever e guardar que era para dar às pessoas para escreverem livros a partir das minhas notas. São notas.

O senhor Presidente está satisfeito com a educação dos seus filhos?

— Basicamente sim. Gostaria de ter podido inculcar neles mais da nossa cultura. Não conseguimos na plenitude.

Baseámos a educação mais na educação escolar. Mais ainda falta certamente muito da nossa cultura, por causa da nossa vivência aqui na cidade de Maputo e os postos que nós ocupamos aqui. Nós passamos as férias com as nossas famílias ou em Mueda ou no Chibuto.

Mas eles vão lá e ficam três ou quatro dias e voltam, porque têm que ficar na cidade, porque têm de ir ao cinema, os amigos da escola, etc. Portanto, há uma falta de ambiente para nós transmitirmos tudo o que há de riqueza cultural

nossa, mas isso acontece com muitos.

Sinto-me talvez consolado pelo facto de notar que há pessoas que não têm tantos constrangimentos que eu tenho, cujos filhos também estão assim. São as solicitações de ambiente das sociedades que fazem que eles sigam uma outra cultura.

Bom, eles todos estão bem educados. Têm instrução. Tiraram cursos, mas as mais novas são meninas e estão ainda a estudar. Estão no Brasil. Eu não obriguei os meus filhos a irem para a igreja e sinto que, pela educação, vejo um ou outro a abraçarem valores morais que é aquilo que nós aprendemos que está ligado aos preceitos religiosos. Isso já me põe um pouco à vontade e dizer que cumpro o que podia cumprir nestas circunstâncias.

Os meus dois primeiros filhos nasceram durante a luta de libertação e não tenho muito tempo para eles. Depois venho para o governo e continuo não tendo tempo para eles. Agora como Presidente, menos tempo ainda, mas nessas circunstâncias, pelos resultados obtidos, sinto-me satisfeito.

Senhor Presidente, quando é que pensa deixar a política?

— É uma pergunta cuja resposta pode ser muito delicada. É uma resposta curiosa. A população gostaria de saber se algum dia pensa deixar a política?

Não. É que há outra população que ao ouvir isso poderia ficar desesperada. Eu sei que há população que pensa que eu não devo nunca deixar e há população que pensa que, bom quando chegar a altura, mas que ainda é muito cedo.

Há população que pensa que já estive durante muito tempo, devia sair já. Portanto, qualquer resposta é sempre muito delicada. É certo que chegará o momento em que não será por voto que vou deixar a política.

Chegará o momento em que eu próprio vou dizer que as condições já estão criadas para eu poder deixar. Se eu não deixei até aqui é só porque as condições não estão criadas.

Realmente, como eu disse, neste momento, como Presidente tenho muitas coisas que eu gostaria de fazer muito livremente e até ganhar muito mais dinheiro. Poderia talvez, se eu tivesse liberdade de o fazer. Não estou neste momento a pensar no dinheiro. Penso nessa liberdade de fazer pequenas coisas que eu gostaria de fazer, até algumas para mostrar que se podem fazer e que muita gente não faz.

Nem que fosse para ensinar as pessoas como certas coisas se podem fazer para superar as dificuldades da vida. Eu gostaria imenso de fazer na prática, porque há certas coisas que por explicação não se fazem.

Ora bem, como eu disse, gostaria de deixar de ser Presidente da República em tempo útil em que eu pudesse fazer algumas das coisas que gostaria de fazer agora. Agora quando? Então, eu só posso dizer, por ser delicado de facto, que quando eu verificar que já chegou o tempo, e em tempo útil e as condições estão criadas, vou deixar.

O tempo que leva na Presidência pode criar dificuldades de um dia se adaptar à vida normal, de cidadão?

— No meu caso, não. É precisamente por isso que eu quero estar ligado a uma actividade e vida no relacionamento com as pessoas, tanto quanto próximo possível, daquela actividade do cidadão comum.

Não digo cidadão normal, porque eu também sou um cidadão normal. Portanto, eu não terei esses problemas. E devo dizer mais, a lei prevê certas regalias para o ex-Presidente. Mas o meu espírito está preparado para eu viver a minha vida, mesmo que eu tivesse que perder tudo o que eu tenho e ficar com um mínimo dos mínimos, estou preparado para levar a minha vida, precisamente como cidadão que eu era lá na aldeia.

Agora, felizmente, tenho uma casa, mesmo se fosse uma palhota, espiritualmente estou preparado para viver essa vida. ■